



Filantropia para a  
justiça social e a paz:  
Um relatório de  
síntese da América  
Latina e Caribe

PHILANTHROPY  
*for*  
SOCIAL JUSTICE  
*and*  
PEACE

# Sobre o Working Group on Philanthropy for Social Justice and Peace

O Working Group on Philanthropy for Social Justice and Peace (PSJP) existe para aumentar o impacto do grantmaking no trabalho para promover a justiça social e a paz. Ele realiza isso por meio do desenvolvimento de ferramentas e práticas para a promoção desse campo de trabalho; da mudança da representação da filantropia para situar a justiça social e a paz no seu centro; e do apoio a uma rede de profissionais em todo o mundo.

- Akwasi Aidoo, Trust Africa (Dakar, Senegal)
- Hania Aswad, Naseej (Amman, Jordânia)
- Kamala Chandrakirana, Indonesia for Humanity Foundation (Jacarta, Indonésia)
- Ana Valéria Araújo, Fundo Brasil de Direitos Humanos (São Paulo, Brasil)
- Christopher Harris, consultor independente de filantropia, ex-funcionário da Fundação Ford (Filadélfia, EUA)
- Lisa Jordan, Porticus (Amsterdam, Holanda)
- Avila Kilmurray, Community Foundation for Northern Ireland (Belfast, Irlanda do Norte)
- Barry Knight, CENTRIS e Beatrice Webb Memorial Trust (Newcastle, Reino Unido)
- Atallah Kuttub, SAANED (Amã, Jordânia)
- Halima Mahommed, consultor independente de filantropia (Joanesburgo, África do Sul)
- Sumitra Mishra, iPartner (Nova Déli, Índia)
- Sarah Mukasa, African Women's Development Fund (Acra, Gana)
- Stephen Pittam, ex-funcionário do Joseph Rowntree Charitable Trust (Iorque, Reino Unido)
- Albert Ruesga, Greater New Orleans Foundation (Nova Orleans, EUA)
- Suzanne Siskel, Asia Foundation (São Francisco, EUA)
- Linda Guinee, coordenadora do Working Group, Interaction Institute for Social Change (Boston, EUA)
- Chandrika Sahai, coordenadora da Rede de filantropia para a justiça social e a paz (Jaipur, Índia)

Para obter mais informações, consulte [www.p-sj.org](http://www.p-sj.org)

# CONTEÚDO

INTRODUÇÃO .....	2
IDADE, TAMANHO, LOCALIZAÇÃO E BASE DE RECURSOS .....	5
UM COMPROMISSO COMUM COM A JUSTIÇA SOCIAL E A PAZ.....	7
O que impulsiona a justiça social e a paz?.....	10
PRINCIPAIS METAS E ESTRATÉGIAS DOS PROFISSIONAIS DE FILANTROPIA PARA A JUSTIÇA SOCIAL E A PAZ: COMO E COM QUEM ELES TRABALHAM .....	11
Promoção do envolvimento da comunidade e da liderança local .....	12
APOIO NÃO FINANCEIRO .....	14
Desenvolvimento de capacidades – 'a aprendizagem do coletivo' .....	15
"Alianças são um elemento de sustentabilidade." .....	16
" <i>Passo a passo</i> ": uma visão de longo prazo .....	18
DESAFIOS ENFRENTADOS PELA FILANTROPIA PARA A JUSTIÇA SOCIAL E A PAZ .....	20
'Guerra, e não pós-guerra' .....	20
A retirada da Assistência Oficial para o Desenvolvimento (ODA, do inglês Official Development Assistance) – 'o momento mais difícil dos últimos 15 anos' .....	21
A posição do governo .....	22
A questão do fundo patrimonial — "importante e utópico" .....	23
Criação de uma cultura diferente de doação .....	23
Medição do sucesso.....	25
Comunicação.....	26
Sustentabilidade: material e moral .....	26
UMA TENTATIVA DE RETRATO.....	28
PROMOÇÃO DA FILANTROPIA PARA A JUSTIÇA SOCIAL E A PAZ NA REGIÃO .....	29
Próximas etapas.....	31
LISTA DE PARTICIPANTES .....	33
Lista de fundações entrevistadas.....	33
Lista de participantes do encontro .....	33



## INTRODUÇÃO

Este relatório resume os resultados de um estudo de referência sobre filantropia para a justiça social e a paz na América Latina e no Caribe. Ele fornece uma breve visão de um conjunto emergente de fundações que estão fornecendo recursos para movimentos de transformação estrutural e sistêmica na região.

O estudo revela que a região é atualmente salpicada de pequenas instituições locais que se identificam como fundos de mulheres, fundações comunitárias e fundos de direitos humanos. Apesar de muitas vezes serem estabelecidos com financiamento internacional, eles se caracterizam por um compromisso comum em favor da justiça social na região, pelo apoio a uma agenda de mudança social desenvolvida e orientada de forma local e por um compromisso de trabalho de longo prazo na direção da mudança que buscam.

O surgimento dessas fundações assinala uma mudança importante nos modelos filantrópicos que anteriormente dominaram a América Latina e o Caribe. Em geral, a região ainda se caracteriza por doações de fundo religioso. A Igreja Católica continua a desempenhar um papel importante em todas as formas de filantropia, como muitos observadores têm apontado, e, segundo Sanborn e Portocarrero, grande parte da nova filantropia que está surgindo "não gera um impacto progressista".<sup>1</sup> Eles observam que uma parte significativa das doações mantém-se concentrada nos centros urbanos e nas comunidades ricas, reforçando portanto as disparidades sociais e econômicas em vez de reduzi-las. Por exemplo, a maior parte da filantropia na educação privada apoia as escolas e as universidades privadas da elite, ao invés de tratar da desigualdade entre a educação recebida pelo privilegiado e o pobre. Seguindo a tendência de responsabilidade social corporativa na região, fundações corporativas proliferaram e o 'investimento social privado' passou a ser o modelo filantrópico dominante. No entanto, de um modo geral, esse modelo não foi capaz de resolver problemas sistêmicos e estruturais muito arraigados.

O financiamento para o trabalho de construção da justiça social e da paz de modo geral têm vindo dos países centrais. Atualmente, ele não apenas está escasseando, mas também cada vez mais propenso a apoiar projetos de curto prazo com resultados quantificáveis, permanecendo fora do alcance das iniciativas de base menores que os movimentos de mudança social na região tendem a abranger.

Por isso, fundações locais que possuem raízes na região e uma compreensão das estruturas de poder vêm surgindo em toda a América Latina desde a década de 1990. O Fondo Semillas, primeiro fundo de mulheres com base na América Latina, foi criado durante a década de 1990. Desde então, vários outros fundos de mulheres operando dentro de uma estrutura de justiça social e paz foram criados no Brasil, Chile, Nicarágua, Colômbia, Argentina e Bolívia, muitos dos quais estão conectados por meio do International Network of Women's Funds (INWF). Esses fundos também criaram um consórcio latino-americano

---

<sup>1</sup> Sanborn C, Portocarrero F (2006). "*Philanthropy and Social Change in Latin America*", Harvard University Press.



(CONMUJERES) e trabalham em iniciativas conjuntas de arrecadação e grantmaking.

Desde 2003, o Brasil tem visto o surgimento de uma nova geração de grantmakers locais, com foco na justiça e na mudança sociais. Estes foram criados por ativistas ou simpatizantes de movimentos sociais. Apesar da dependência de recursos de financiadores estrangeiros para sua constituição, todos possuem raízes em movimentos sociais locais.

Gostaríamos que os leitores considerassem este relatório apenas como um primeiro passo no sentido da identificação de um campo emergente da filantropia na América Latina e no Caribe. Ele não é de forma alguma abrangente, nem poderia ser, dadas as limitações do conhecimento atual. Entre essas limitações, as principais são: a barreira da língua; o acesso restrito à tecnologia por parte de muitos grupos de base; as diferenças regionais na terminologia envolvida nos setores de filantropia e da sociedade civil; e os arcabouços legais. Acreditamos que existem outras organizações na região que estão apoiando a construção de movimentos locais e mudanças estruturais, porém, no momento, não temos meios de saber quem são ou onde se encontram.

Os objetivos do relatório são, portanto:

- Começar a descrever e delinear um campo emergente de pequenas fundações locais na América Latina e no Caribe que estão apoiando movimentos de transformação estrutural e sistêmica
- Dedicar maior atenção tanto ao valor desses financiadores quanto aos desafios por eles enfrentados
- Promover a discussão sobre como esse campo pode ser fortalecido e se autodesenvolver na região

#### Fontes de informação

O relatório baseia-se nas seguintes fontes:



**Pesquisa:** 32 fundações que trabalham na região foram pesquisadas sobre suas atividades, a área geográfica coberta, o tipo de fundação, o número de funcionários, o tamanho do fundo patrimonial (endowment) e os orçamentos de doações. Cada uma recebeu também nove perguntas sobre a importância da justiça social e da paz em seu trabalho, extraídas de um artigo teórico sobre as principais tradições da filantropia para a justiça social<sup>2</sup>. A pesquisa foi enviada a todos os fundos para a justiça social, fundos para a paz, fundações comunitárias e fundos de mulheres da região conhecidos naquela época. Ela foi compartilhada também com redes de filantropia nacionais, a saber, a Rede de Fundos Independentes para a Justiça Social (Brasil), a GIFE (Brasil), a CEMEFI (México), a Asociación de Fundaciones Empresariales (Colômbia) e a rede regional CONMUJERES, e com redes mundiais, como a Global Fund for Community Foundations, a WINGS e a Mesoamerica Group of the Edge

---

<sup>2</sup>Ruesga G A, Puntenney D (março de 2010). *Social justice Philanthropy: An Initial Framework for Positioning this Work*. Working Group on Philanthropy for Social Justice and Peace



Funder's Alliance. Um link para a pesquisa foi compartilhado em <http://p-sj.org/>.

Uma amostra com apenas 32 organizações é muito pequena para uma análise estatística expressiva. No entanto, alguns resultados significativos aparecem nas páginas a seguir.



**Entrevistas:** Foram realizadas 20 entrevistas por telefone com organizações de base operando na América Latina e no Caribe. Suas respostas forneceram algum colorido e realce para aumentar os resultados estatísticos da pesquisa.



**Discussões em um encontro:** Nos dias 9 e 10 maio de 2013, 21 profissionais e consultores de filantropia reuniram-se em Bogotá, na Colômbia, a fim de explorar uma agenda comum para promover a filantropia para a justiça social na América Latina e no Caribe. O encontro foi organizado pelo Working Group on Philanthropy for Social Justice and Peace (WG-PSJP) e a Rede de Fundos Independentes para a Justiça Social do Brasil, em colaboração com o Consórcio de Fundos de Mulheres da América Latina e do Caribe (CONMUJERES).

Apesar de os números envolvidos em todas essas fontes de pesquisa serem limitados, seu cruzamento fornece algumas dicas sobre as características gerais da filantropia para a justiça social na América Latina.

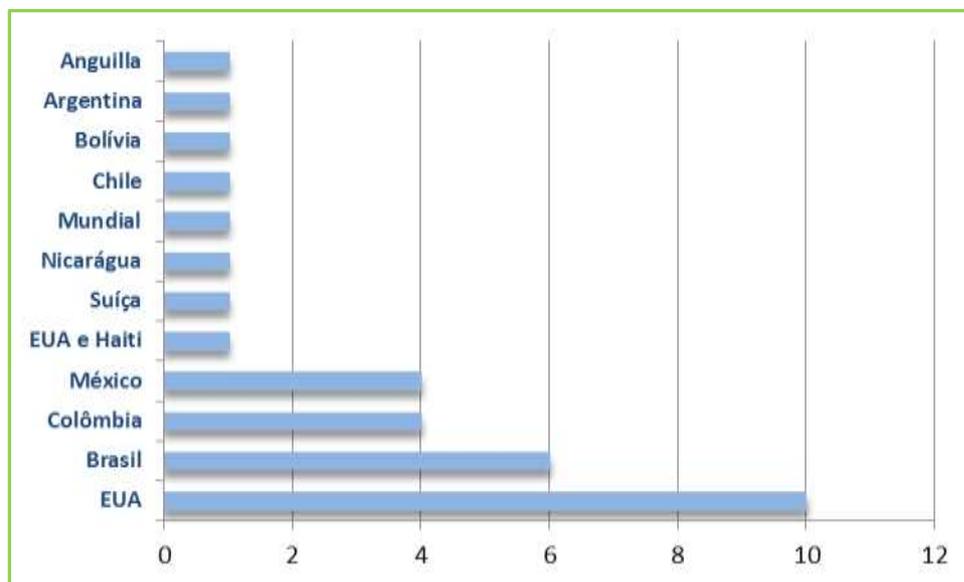
Por fim, convém destacar que a maioria das entrevistas foram realizadas em espanhol, com poucas em inglês, e as citações diretas foram traduzidas para o português. Procuramos nos manter tão fiéis ao original quanto possível e ao mesmo tempo produzir algo que pudesse ser lido naturalmente em português.



## IDADE, TAMANHO, LOCALIZAÇÃO E BASE DE RECURSOS

Das 32 fundações incluídas na pesquisa, a maioria está sediada na própria região. Isso apoiou a nossa visão de que o grupo de fundações locais que defendem injustiças sistêmicas e estruturais na região está crescendo. No entanto, uma parte considerável do financiamento para uma mudança social progressiva na América Latina e no Caribe continua a vir de fundações que, apesar de estarem operando na região – *segundo nosso julgamento* – devem a sua cultura e seus valores aos Estados Unidos, e algumas fundações desse tipo foram incluídas na amostra.

Gráfico 1: Localização das 32 fundações

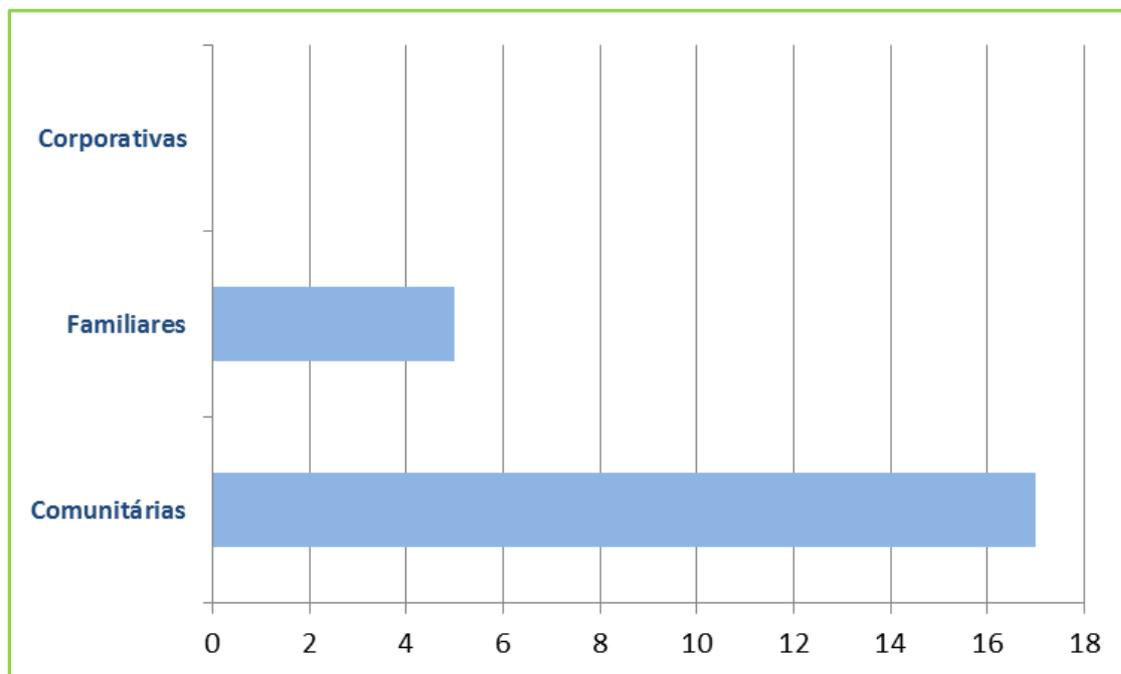


Vale destacar também que, embora as fundações corporativas tenham proliferado em muitas partes da região na última década, nenhuma das 22 fundações sediadas na América Latina e no Caribe que responderam às pesquisas era uma fundação corporativa (embora um representante de uma rede de fundações corporativas tenha sido um dos entrevistados), apesar de a pesquisa ter como alvo as redes de filantropia predominantes na região. Isso talvez reflita um tipo de autosseleção por parte das fundações corporativas, que não se identificaram com as perguntas levantadas na pesquisa e não as responderam. No entanto, como mencionado acima, os resultados precisam ser interpretados com cautela devido ao tamanho limitado da amostra e às atuais limitações de conhecimento sobre filantropia na região.



O Gráfico 2 abaixo mostra que a cultura e o etos da grande maioria das fundações nesse grupo foram delineados, novamente segundo nosso julgamento, a partir da América Latina. Ou seja, elas estavam sediadas na região, operando no seio da cultura da região, e se autoidentificaram como fundações públicas ou comunitárias.

Gráfico 2: Diferentes tipos entre as 22 fundações



Uma análise mais profunda dos dados (Tabela 1 abaixo) revelou também que as fundações da América Latina são significativamente menores, tanto em termos de números de funcionários como de orçamento de doações, e mais recentes do que as fundações sediadas nos EUA que operam na América Latina.

A tabela a seguir mostra os valores das medianas de variáveis-chave:

Tabela 1<sup>3</sup>

Localização	EUA	América Latina
Ano de constituição	1983	2003
Número de funcionários na sua organização	11,5	7
Tamanho do fundo patrimonial em US\$	0	26375
Orçamento de doações no ano passado e no ano corrente (US\$)	15.500.000	301.696

<sup>3</sup>O valor da mediana é usado na tabela por ser o ponto médio da distribuição e uma medida da média melhor do que a média aritmética (que é afetada por um pequeno número de casos destoantes).



## UM COMPROMISSO COMUM COM A JUSTIÇA SOCIAL E A PAZ

Não obstante as diferenças de escala e operação, o que une esse grupo é um forte compromisso com a justiça social e a paz.

Nossa pesquisa investigou esse fato pedindo às organizações que informassem a importância que nove diferentes critérios de justiça social e paz tiveram em suas decisões de grantmaking. Esses critérios foram extraídos de um artigo sobre tradições<sup>4</sup>, encomendado pelo Working Group on Philanthropy for Social Justice and Peace, que descreve oito tradições de justiça social diferentes que se sobrepõem parcialmente. De cada tradição foi extraída uma declaração simples para transmitir sua ideia principal. Uma declaração adicional foi acrescentada sobre a transformação de conflitos para capturar o etos do trabalho de construção da paz. Foi solicitado aos participantes da pesquisa que classificassem em uma escala de cinco pontos (muito importante, importante, nem importante nem sem importância, sem importância ou muito sem importância) o quanto a declaração era relevante para o seu trabalho.

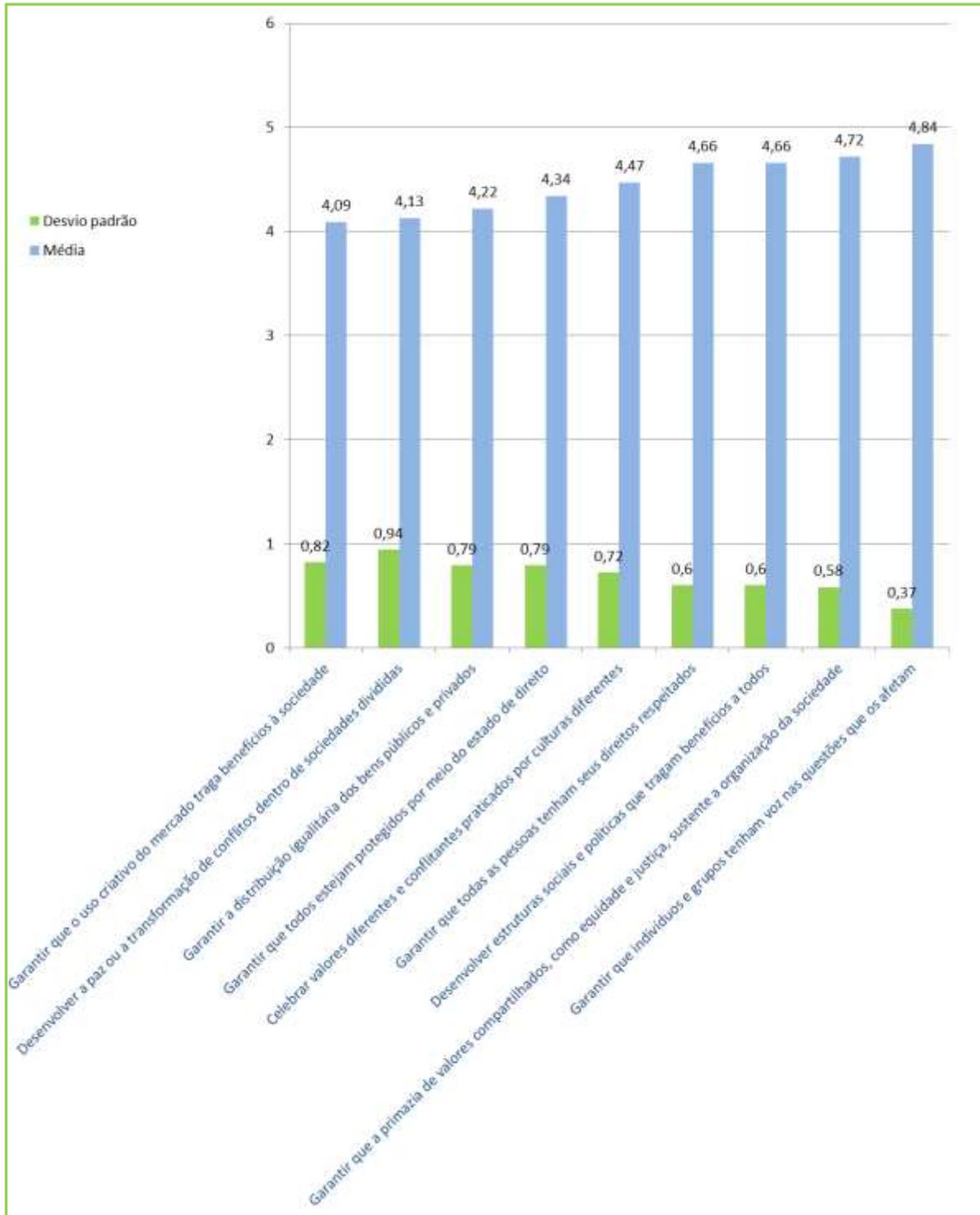
Todas as pontuações médias ficaram acima de 4, o que significa que o grupo avaliou cada item como importante ou muito importante. Esses resultados estão mostrados no Gráfico 3.

---

<sup>4</sup>Ruesga e Punttenney, op cit.



Gráfico 3: Importância de diversos valores de justiça social para fundações selecionadas na América Latina e no Caribe



Foi surpreendente que os dois menores pontos da escala (0 – muito sem importância e 1 – sem importância) foram usados apenas uma vez, no item "Desenvolvimento da paz para a transformação de conflitos no seio de sociedades divididas".



Além disso, uma alta pontuação em um item tendeu a indicar uma alta pontuação em todos os outros. Isso significa que havia uma forte correlação entre os nove itens, justificando a ideia de que há um conceito unificador por trás deles.

Discussões com os financiadores desse grupo durante o encontro realizado em maio de 2013 em Bogotá reafirmaram que o trabalho destes baseava-se não apenas em uma, mas em várias tradições de justiça social. Reconhecer a filantropia para a justiça social como 'uma família de tradições', em vez de defini-la de forma rígida, sensibilizou o grupo e os ajudou a perceber temas comuns em seus trabalhos e a se identificarem como um todo coletivo. A identificação do trabalho com diversas tradições indicou também a flexibilidade de suas práticas, o que muitas fundações envolvidas na pesquisa consideraram ser uma característica definidora do trabalho que realizam, e refletiu a complexidade das questões que elas estão tentando resolver — complexidade essa que requer uma abordagem flexível e holística.

Uma análise aprofundada dos dados revelou que algumas fundações deram maior prioridade a alguns itens da lista de nove tradições de justiça social e paz. Descobrimos que existem três tradições que sustentam a prática de filantropia para a justiça social e a paz na região.

- Direitos humanos e justiça
- Paz e segurança
- Igualdade democrática participativa

As entrevistas também comprovam em geral essa ideia de um compromisso com a justiça e a igualdade. Conforme observado por um dos entrevistados, "Nosso objetivo é a igualdade e o desenvolvimento social sustentável e, como parte disso, temos que apoiar as comunidades vulneráveis e marginais na mudança de suas circunstâncias, na criação de mais oportunidades para elas e no reforço da sua capacidade de obter melhor qualidade de vida e inclusão social".

Outro entrevistado ecoou esse sentimento, dizendo que "nosso objetivo é um país em paz e com menos desigualdade e pobreza", enquanto outro mencionou a "grande lacuna entre os que têm e os que não têm".

Embora os participantes do encontro em Bogotá tenham chegado a um consenso unânime de que as nove tradições proporcionaram uma valiosa escala comum, é importante observar que eles identificaram também certas limitações para as tradições de justiça social decorrentes de diferenças contextuais nas definições. Alguns sentiram que as tradições apresentavam características muito do 'norte' e precisavam ser revisadas segundo um ponto de vista latino-americano. Atenção especial foi dada à tradição de 'relativismo cultural'. "O trabalho com grupos de mulheres e povos indígenas é complexo e exige uma redefinição de conceitos. Penso que esses conceitos são muito abrangentes e não captam a essência do trabalho que fazemos. É o caso do conceito de 'relativismo cultural'. Do ponto de vista de uma comunidade local, sinto-me excluído dentro dessa terminologia, pois ela vai contra a natureza da nossa identidade... O 'relativismo' exclui grupos locais porque não concordamos que há paradigmas para culturas individuais."



As discussões em torno das 'tradições' também evidenciaram a compreensão das nuances de conceitos populares como 'empoderamento'. Considerando as estruturas patriarcais entranhadas na região, as discussões no encontro de Bogotá buscaram uma compreensão mais profunda do que significava 'empoderar' as mulheres. Elas advertiram sobre as limitações impostas pelas definições tradicionais e generalizadas desses conceitos. O 'empoderamento' das mulheres no contexto da América latina foi entendido como a melhoria do poder individual das mulheres que é colocado a serviço do coletivo.

Por fim, conforme observado por um entrevistado, "a palavra filantropia está fortemente ligada a caridade" de uma maneira geral nessa região, algo que prejudicou o desenvolvimento da filantropia para a justiça social; falaremos mais sobre isso a seguir.

### O que impulsiona a justiça social e a paz?

Vimos que os valores de justiça social e paz foram predominantes em todas as 32 fundações. Ficou claro que, ao contrário da Europa, onde as fundações com foco em metas de justiça social tendem a ser menores do que a média, o tamanho não teve importância para essas 32. De fato, nenhuma variável ligada a tamanho no conjunto de dados foi correlacionada a classificações de justiça social e paz, com uma exceção: uma variável comparando o tamanho do orçamento de grantmaking com o tamanho do fundo patrimonial. As fundações que gastaram valores elevados em seu programa de grantmaking comparativamente ao tamanho de seu fundo patrimonial foram de forma significativa mais propensas a favorecer o grantmaking para a justiça social do que aquelas cujos gastos foram mais restritos.



*As fundações que gastaram valores elevados em seu programa de grantmaking comparativamente ao tamanho de seu fundo patrimonial foram de forma significativa mais propensas a favorecer o grantmaking para a justiça social do que aquelas cujos gastos foram mais restritos.*



## PRINCIPAIS METAS E ESTRATÉGIAS DOS PROFISSIONAIS DE FILANTROPIA PARA A JUSTIÇA SOCIAL E A PAZ: COMO E COM QUEM ELES TRABALHAM

As últimas seções analisam as fundações propriamente ditas. Usando o material tanto da pesquisa quanto das entrevistas, vamos tentar detalhar um pouco mais o esboço que estamos traçando delas, analisando os tipos de grupos que apoiam e o que isso revela sobre seus objetivos e propósitos.

Para a maior parte delas, os beneficiários são pequenos grupos de base, com pouca ou nenhuma estrutura formal. Isso é especialmente verdade entre os grupos de jovens. Um entrevistado observou: "Temos percebido que jovens estão envolvidos no tipo de organização que muda rapidamente e que pode ser muito provisória." Outro falou da necessidade de repensar a sua política de financiamento à luz dessa constatação. "No momento, ela [a política de financiamento] é mais direcionada a organizações formais, e grande parte da riqueza vem por meio de grupos informais que, apesar disso, possuem um enorme potencial de mobilização."

Muitos dos beneficiários, por essa e outras razões, trabalham 'nas margens do sistema' e necessitam especialmente de apoio. Um financiador que entrevistamos, por exemplo, trabalhou com os moradores de uma favela em Cali, na Colômbia, onde a maioria da população vive abaixo da linha de pobreza e sofre não apenas os efeitos da pobreza e da exclusão, mas também os do tráfico de drogas e da violência. "Apoiamos principalmente grupos com menor acesso ao poder", disse um entrevistado, "lésbicas, negros e jovens".

"O objetivo principal", para um dos fundos, "é fortalecer as organizações de base em todo o país, fornecendo-lhes os fundos, mas também viabilizando o desenvolvimento de capacidades, pois isso é algo que lhes falta." Outro foi formado exatamente para fornecer recursos a grupos de base que estavam sendo marginalizados pelos fundos existentes.

Os participantes da pesquisa e das entrevistas foram solicitados a classificar o grau de importância de cinco elementos, extraídos do trabalho do Working Group on Philanthropy for Social Justice and Peace, na estruturação de suas metas e estratégias. Esses elementos eram:

- As forças históricas que contribuem para a injustiça
- A análise dos efeitos da associação sobre as classes oprimidas
- A análise da distribuição do poder
- Consultas aos grupos mais desfavorecidos nas comunidades que você busca atender
- Visão e compromisso de longo prazo com a mudança que você deseja ver

 *"No momento, ela [a política de financiamento] é mais direcionada a organizações formais, e grande parte da riqueza vem por meio de grupos informais que, apesar disso, possuem um enorme potencial de mobilização."*

 *"Apoiamos principalmente os grupos com menos acesso ao poder."*



Houve um consenso geral de que todos esses temas são muito relevantes para o processo de planejamento estratégico das organizações. No entanto, os participantes selecionaram de maneira predominante dois desses temas, atribuindo-lhes pontuações mais elevadas: as consultas às comunidades e uma visão e compromisso de longo prazo com relação às suas metas.

## Promoção do envolvimento da comunidade e da liderança local

Um entrevistado descreveu a abordagem geral de forma sucinta: "Não definimos as pautas das mulheres, são as próprias organizações que o fazem."

Na definição das suas metas, os financiadores com os quais conversamos estavam focados na mudança de baixo para cima. Eles estavam interessados em fazer as vozes dos seus beneficiários serem ouvidas e buscavam lideranças nas comunidades com as quais trabalhavam. Ao fazer isso, eles procuravam romper com as abordagens de desenvolvimento tradicionais. Como colocado por um financiador do Haiti, sua meta era "criar novos paradigmas para o desenvolvimento, tirando proveito de lideranças locais por meio do envolvimento das comunidades". Outro comentou que "a filantropia para a justiça social trata-se na realidade de tentar alterar as causas-raiz do que está acontecendo e permitir que as pessoas sejam protagonistas dessas mudanças".

Foi também importante para esses financiadores que as comunidades definissem suas próprias pautas de desenvolvimento e decidissem sobre a utilização dos recursos: "Respeitamos a decisão das mulheres e de suas organizações e as empoderamos para que definam suas prioridades e usem seus recursos de forma correspondente". Igualmente importante para eles foi incluir os mais marginalizados, que foram deixados de fora das pautas de desenvolvimento e/ou construção da paz.

Em termos da função estritamente de apoio exercida pelos financiadores, um deles colocou o assunto de forma ainda mais explícita: "Nossos parceiros são um reflexo nosso: se houver uma fraqueza na sua imagem política ou externa, isso nos afetará".

### Como funciona

Várias observações feitas pelos entrevistados ilustram algumas das diversas formas pelas quais os financiadores concretizam estas intenções. "Trabalhamos de forma muito próxima a eles (beneficiários) e os visitamos mais de uma vez. As consultas servem para nos ajudar a entender o que eles precisam e o que podem fazer com os recursos que fornecemos. ...Eles mesmos resolvem os problemas."

"Todos os anos", disse outro, "reunimos nossos beneficiários. Nós monitoramos os projetos que temos no campo, visitando a maioria deles. Monitoramos os projetos em andamento, mas também tentamos conversar com ex-beneficiários para ver como estão indo e o que pensam sobre o que estamos fazendo e sobre o que os nossos beneficiários atuais estão fazendo. Nosso processo de acompanhamento é uma forma de continuar a consulta no campo."



*"A filantropia para a justiça social trata-se na realidade de tentar alterar as causas-raiz do que está acontecendo e permitir que as pessoas sejam protagonistas dessas mudanças."*



*"Nosso processo de acompanhamento é uma forma de continuar a consulta no campo."*



Isso foi bastante comum e muitos tentaram reunir parceiros beneficiários, doadores individuais e os seus próprios funcionários e diretoria em reuniões para elaborar uma estratégia de comum acordo, embora, como um deles reconheceu, frequentemente se deparavam com dificuldades práticas, uma vez que essas reuniões eram demoradas.

Outro financiador entrevistado envolveu-se no diálogo contínuo com beneficiários e os incentivou a falarem uns com os outros, ajudando-os a chegar a um consenso em relação a questões sobre as quais possuíam visões individuais distintas (o aborto foi um exemplo citado) e a trabalhar essas questões juntos.

### *Benefícios recíprocos*

Além disso, uma forte ênfase na consulta e no envolvimento de parceiros beneficiários não foi apenas uma questão de princípio democrático. Os fundos muitas vezes dependem de seus parceiros beneficiários para obter um conhecimento profundo e poder analisar as questões que lhes interessam. Um financiador feminista chileno observou que eles trabalham por meio de parceiros porque estes, vivendo entre as pessoas com as quais o fundo busca trabalhar, encontram-se em melhor posição para observar e analisar. Um entrevistado de outro fundo, de âmbito regional, comentou: "não somos uma organização investigativa, mas os ativistas do conselho executivo são especialistas em seus campos".

Uma observação feita por outro entrevistado expõe também algumas das dificuldades enfrentadas pelos financiadores da justiça social: "estamos caminhando com cuidado. Nosso processo trata-se de devolver o poder às comunidades. Somos cautelosos, pois muitas pessoas vão encarar isso como algo de fundo político".

 *Os fundos muitas vezes dependem de seus parceiros beneficiários para obter um conhecimento profundo e poder analisar as questões que lhes interessam.*

---

 *"Nosso processo trata-se de devolver o poder às comunidades."*

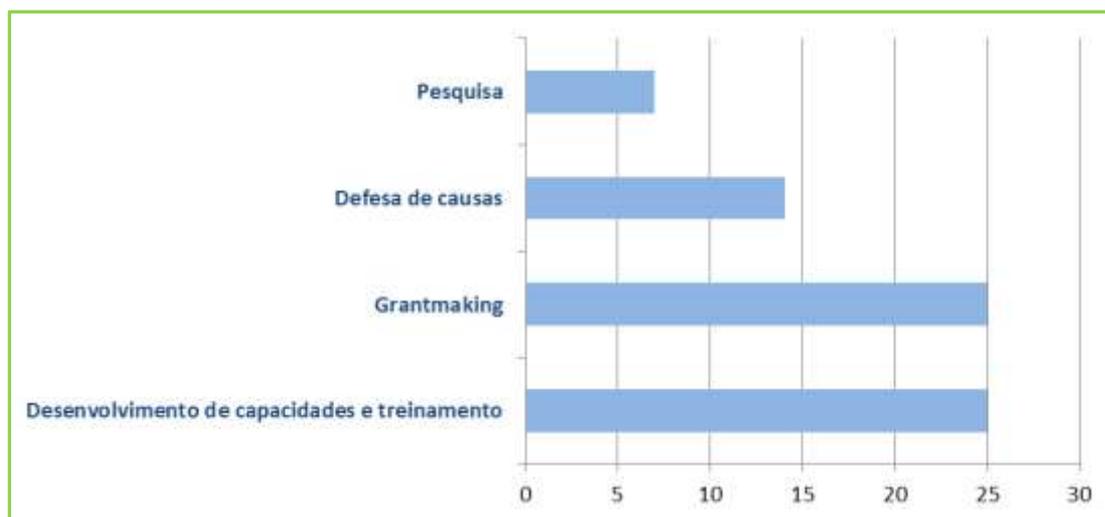
---



## APOIO NÃO FINANCEIRO

A pesquisa e as entrevistas revelaram que as fundações que operam segundo um ponto de vista de justiça social na América Latina e no Caribe estão empenhadas em fornecer valor a seus beneficiários, além de financiamentos ou doações. A pesquisa revelou que a maioria das organizações estava envolvida em diferentes tipos de atividade. Os resultados são mostrados na tabela a seguir.

*Gráfico 4: Funções das fundações*



Durante as entrevistas, uma investigação mais profunda das práticas adotadas por esses financiadores revelou uma abordagem holística que envolvia não apenas uma série de atividades, como mostrado acima, mas também estratégias flexíveis de grantmaking que definiram uma base para o desenvolvimento de um relacionamento com o beneficiário que se estendia além do dinheiro.

A fim de investigar mais detalhadamente o valor não financeiro do trabalho das fundações com seus beneficiários, perguntamos a elas sobre três aspectos desse trabalho extraídos da experiência do Working Group on Philanthropy for Social Justice and Peace com estratégias de grantmaking de financiadores da justiça social. Foram eles:

- Desenvolvimento de capacidades dos beneficiários em termos de habilidade para advogar, desenvolvimento organizacional, treinamento de lideranças, autoavaliação e outras
- Fortalecimento de alianças entre os beneficiários, ao fornecer-lhes espaço para reuniões, aprendizado e análises entre pares
- Comunicação e divulgação dos resultados e do aprendizado resultante de seus programas aos beneficiários

Esses pontos foram discutidos com os participantes durante as entrevistas e, embora eles tenham se referido a todas as três atividades como importantes em seu trabalho, alianças e o desenvolvimento de capacidades se destacaram como sendo fundamentais. Como observamos na seção abaixo sobre Desafios, a comunicação foi frequentemente citada pelos entrevistados como uma área que precisava de fortalecimento.



## Desenvolvimento de capacidades – 'a aprendizagem do coletivo'

Esse compromisso com criar lideranças de base refletiu-se também na prática das fundações, tanto no grantmaking quanto de outras formas, por meio da qual elas buscaram fortalecer a capacidade organizacional dos parceiros beneficiários de conduzirem seu trabalho de forma independente. "Desejamos que as organizações fortaleçam suas capacidades em todo o ciclo do projeto. A liderança está no cerne do nosso modelo; liderança para formular, implementar e avaliar seus próprios projetos."

Na verdade, para a maioria dos entrevistados, o desenvolvimento das capacidades dos seus parceiros beneficiários era fundamental, até mesmo nos casos em que não estavam satisfeitos por não estarem fazendo isso de forma tão integral como gostariam. Para a maioria, isso foi um elemento crucial da transformação que estavam buscando e um meio de sustentar as organizações que apoiavam em longo prazo. Isso foi também especialmente necessário, uma vez que as organizações por eles apoiadas estavam em um nível de desenvolvimento organizacional bastante básico e careciam das habilidades de gerenciamento e de comunicação necessárias para fazer seu trabalho progredir. Um entrevistado colocou que foi importante para eles "desenvolver a capacidade técnica entre as organizações de base para que elas se tornassem mais capacitadas de tratar de suas necessidades e de negociar com as estruturas de poder" e, para pelo menos um deles, esse desenvolvimento de capacidade foi "ainda mais importante que os recursos financeiros desembolsados... Nós realizamos oficinas de desenvolvimento organizacional, treinamento em liderança, gerenciamento financeiro e comunicações, e isso cresceu muito. Aprendemos com eles que isso foi muito importante para o seu trabalho".

 *"A liderança está no cerne do nosso modelo; liderança para formular, implementar e avaliar seus próprios projetos."*

Deve ser observado que não são apenas as fundações para a justiça social e a paz que consideram importante o desenvolvimento de capacidades – as fundações corporativas também. Um dos entrevistados comentou que, de acordo com um estudo recente, "87,8% das fundações corporativas apontaram o desenvolvimento de capacidades como uma de suas metas".<sup>5</sup>

Que tipo de capacidades? Um dos entrevistados mencionou que seus beneficiários com frequência buscavam especificamente o desenvolvimento de capacidades na área de administração financeira. Outros mencionaram áreas como treinamento em marketing social, mobilização de recursos, comunicação para potenciais situações de violência e liderança. Segundo um financiador que participou de um desses treinamentos, um dos problemas era que os líderes, uma vez treinados, frequentemente se transferiam para outras ONGs ou para postos governamentais, de modo que outros tinham que ser treinados para substituí-los.

"Montamos uma oficina de desenvolvimento de capacidades a cada ano; trazemos um ou dois representantes de cada organização: uma pessoa do programa e outra de finanças", disse um deles, acrescentando que, além de ensiná-los habilidades técnicas, essa era também uma forma dos beneficiários apresentarem seu trabalho aos seus pares e, como tal, uma potencial plataforma

<sup>5</sup>"Fundaciones Empresariales: un mundo diverso y dinámico", Fundación Promigas e Fundación DIS, março de 2012.



para instituir colaborações (isso é outro exemplo de como os financiadores e seus parceiros fazem um evento servir a várias finalidades, algo que é de suma importância onde há escassez de todos os tipos de recursos). Esse fundo, bem como outros, oferece também uma forma contínua de desenvolvimento de capacidades, orientando as organizações ao longo dos estágios de aplicação e proposta, até o desenvolvimento do projeto completo.

Outro financiador mencionou o gerenciamento e a comunicação e disse que estava incentivando os beneficiários a pensarem sobre meios de comunicação que não são caros nem demandam grandes recursos, mas que são eficazes, como a comunicação por meio de plataformas de mídia social.

Para outro financiador, uma das principais formas de desenvolvimento de capacidades é desenvolver nos beneficiários a habilidade de buscar apoio de outras fontes. O mesmo financiador permitiu também que os próprios grupos informassem a forma de desenvolvimento de capacidades que precisavam nas reuniões e oficinas das quais participaram. Além disso, o desenvolvimento das capacidades dos beneficiários deu-se por meio do relacionamento diário destes com seus financiadores.

Um dos entrevistados mencionou também outro aspecto. No relacionamento de financiamento, todos – financiadores, beneficiários e seus representantes – foram envolvidos em um processo de aprendizado por eles denominado de 'o aprendizado do coletivo'.

Ficou claro que, apesar da diversidade das causas atendidas pelos financiadores desse grupo — desde os direitos das mulheres em toda a região até lidar com os efeitos da guerra em El Salvador — eles perceberam sua função como movimentos de construção e estavam lá para promover a liderança e fornecer apoio a iniciativas de nível básico dentro do movimento.

### "Alianças são um elemento de sustentabilidade."

 *"Somente com o trabalho por meio de redes e alianças conseguiremos realizar uma mudança social verdadeira." Entrevistado da pesquisa.*

A maioria entendeu claramente que a mudança não poderia ser alcançada em condições de isolamento e, como resultado, os financiadores perceberam a existência de uma função crucial de intermediação do relacionamento entre as diferentes partes interessadas. Outro elemento importante do trabalho dos financiadores de iniciativas para a justiça social que surgiu das entrevistas foi ajudar seus parceiros beneficiários a se associarem por uma causa comum: "Alianças podem ser a chave para se alcançar mudanças sistêmicas para grupos vulneráveis", como um deles colocou. Iniciativas de colaboração não apenas trouxeram mais recursos humanos para resolver problemas, como também ajudam a atrair mais financiamento, conforme dito por um financiador: "Nós percebemos o grande potencial das iniciativas de colaboração para mobilizar recursos... essas iniciativas podem trazer recursos que não obteríamos de outra forma." Com isso em mente, outra fundação estava fazendo a conexão de seus

 *No relacionamento de financiamento, todos – financiadores, beneficiários e seus representantes – foram envolvidos em um processo de aprendizado por eles denominado de 'o aprendizado do coletivo'.*

---

 *A maioria entendeu claramente que a mudança não poderia ser alcançada em condições de isolamento e, como resultado, os financiadores perceberam a existência de uma função crucial de intermediação do relacionamento entre as diferentes partes interessadas.*

---



antigos doadores com grupos de base da região, para que os doadores pudessem apoiar iniciativas diretamente no campo.

Apesar das vantagens claras em termos de recursos compartilhados, maior força e solidariedade, foi difícil promover a colaboração entre beneficiários algumas vezes. Um financiador brasileiro comentou que "não é fácil e ainda não é um sucesso. É difícil para eles [os parceiros] trabalharem juntos. Eles podem trocar informações, mas no Brasil há ainda um sentido de individualidade." A comunicação foi fundamental para isso, mas, como observado por um deles, essa era a área que tinha menos recursos disponíveis.

Entretanto, em outros momentos, alianças entre beneficiários surgiram naturalmente, quase que espontaneamente. Um financiador entrevistado não fomentou alianças de forma ativa, porém reuniu beneficiários para que identificassem afinidades e, em alguns casos, percebessem o valor da colaboração. O fundo não sugeriu que eles formassem redes. Eles fazem isso porque há oportunidades e elementos em comum.

Outro financiador mencionou também o surgimento natural de oportunidades de alianças de colaboração em intercâmbios e encontros, e disse que eles estavam atentos à possibilidade de direcionar recursos e informações para grupos que demonstraram a intenção de trabalharem juntos.

Um entrevistado descreveu o fortalecimento das alianças como sendo "muito importante", pois gerou a oportunidade de compartilhamento, mas acrescentou que não impõe tais alianças aos parceiros beneficiários. Eles tentaram incentivá-las por meio de diversos tipos de encontro para os quais convidaram parceiros.

No entanto, pelo menos um financiador manifestou reservas sobre a forma como o desenvolvimento de alianças é feito atualmente. Apesar de reconhecerem o valor das alianças, eles se perguntam se as práticas da fundação não forcem alianças entre beneficiários em condições que os beneficiários não teriam escolhido por si mesmos. "Somos favoráveis às alianças, mas às vezes me pergunto se nossas obrigações em termos de relatórios não forcem as alianças de forma sutil; e eu gostaria de discutir o que o fortalecimento de um movimento envolve realmente; trata-se de um processo individual ou é mais um esforço conjunto?"

Apesar dessas reservas, o desenvolvimento de alianças entre beneficiários permaneceu sendo uma área importante de foco para os financiadores. Foi também considerado por eles como o indicador mais importante para avaliar o impacto do seu trabalho. Como observado por um financiador, "nós fazemos uma análise das redes e alianças, solicitando informações sobre as atuais, e coletamos informações durante reuniões de avaliação nas quais processos de mapeamento são realizados com os participantes, método pelo qual eles identificam candidatos para uma ação coletiva. Em várias ocasiões, nós avaliamos que unidade e colaboração geram resultados melhores".

Por fim, vale ressaltar que um financiador desenvolveu não apenas um sistema para facilitar alianças entre as partes com interesses semelhantes, mas também



para medir sua eficácia em função do número de pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, na criação de espaços para diálogo, de pautas comuns etc.

### *Colaboração entre os próprios financiadores*

Das entrevistas surgiu também uma avidez por alianças entre os próprios fundos, que formariam uma espécie de sistema de apoio fornecendo informações e inteligência, além de uma plataforma comum para a realização de campanhas. Os entrevistados mencionaram o desejo ou a existência real de formas de colaboração com outros fundos, com grupos de pesquisa e com o meio acadêmico como uma forma de fortalecer suas próprias posições. Na maioria dos casos, porém, tratava-se de aspirações ou de parcerias ainda nos estágios iniciais de formação, em vez de estarem inteiramente estabelecidas. Alguns dos entrevistados já se encontravam bem conectados por meio de fóruns, como o Global Fund for Community Foundations, a Rede de Fundos Independentes para a Justiça Social (NIFSJ) e o CONMUJERES. No México existe a Comunalía, uma aliança de fundações comunitárias, parte de uma 'comunidade de aprendizagem de grande potencial'; no Brasil, um financiador mencionou o GIFE, que atua como uma rede nacional, incluindo uma grande variedade de tipos de fundos, alguns dos quais são financiadores 'mais progressistas'. Porém, de modo geral, os elementos de uma infraestrutura de apoio para os financiadores eram mais provavelmente regionais ou internacionais e relativamente poucos tinham acesso a eles.

Alguns buscaram ativamente contatos com fundações corporativas ou fundações com operações internacionais que tivessem antecedentes ou que apoiassem as causas nas quais estavam interessados. No entanto, no caso das fundações corporativas, houve uma certa ambivalência. Destacamos abaixo algumas observações sobre as limitações da filantropia corporativa; um entrevistado mencionou que, até a ocasião, seu fundo tinha tido pouco ou nenhum envolvimento com fundações corporativas, tampouco tinha procurado fazê-lo. Ele falou da necessidade de examinar mais a fundo essas fundações e seus 'sistemas éticos', demonstrando que encarava com certa reserva a origem dos seus recursos e a forma como são obtidos.

### **"Passo a passo": uma visão de longo prazo**

 *"Nossa visão de longo prazo nos impulsiona e nos mantém otimistas em relação ao que estamos fazendo atualmente. Recorremos a essa visão quando ficamos desanimados, a fim de dar algum sentido ao nosso trabalho diário. Esse compromisso encontra-se no seio de nossa diretoria e equipe. Acredito que essa visão de longo prazo é de extrema importância para qualquer fundação."*

 *"Estamos cientes de que um apoio por um ano não fortalece uma organização e que é um apoio mais duradouro que gera mudanças."*

Um dos maiores desafios do trabalho de desenvolvimento da justiça social e da paz é o fato de ele demandar tempo e capital de longo prazo. As fundações incluídas nesta pesquisa se mostraram particularmente sensíveis ao longo tempo necessário para estruturar suas metas e estratégias. Embora às vezes frustrante para os doadores, esse horizonte maior de tempo foi de 'vital importância' e também pôde ser um conforto para os financiadores. Conforme observou um



dos entrevistados, é o que "nos faz continuar quando nos desesperamos e nos dá ânimo para o trabalho do dia a dia".

"*Passo a passo*", disse outro. "Nossa visão não é uma revolução, ela é mais modesta: são alterações cumulativas que efetuarão uma mudança mais profunda no longo prazo." A natureza de longo prazo do trabalho trouxe também a necessidade de um apoio de longo prazo fornecido pelos financiadores às organizações ativistas: "Estamos cientes de que um apoio por um ano não fortalece uma organização e que é um apoio mais duradouro que gera mudanças."

Grande parte dos seus esforços nesse sentido foi direcionada ao aumento da arrecadação local e flexível. No entanto, como já vimos (consulte a seção abaixo, *Criação de uma cultura diferente de doação*), muitos reconheceram que, para fazer isso, eles não estavam apenas arrecadando fundos, mas contribuindo para o desenvolvimento de uma nova cultura filantrópica na região, que se distancia da doação tradicional e "abraça a importância de se investir em organizações de base de direitos humanos populares que promovem a justiça social e a paz".



## DESAFIOS ENFRENTADOS PELA FILANTROPIA PARA A JUSTIÇA SOCIAL E A PAZ

- "A zona oeste do Rio de Janeiro possui um dos piores índices de desenvolvimento humano e quase 50% da população do Rio mora nessa área. Essa área é posta de lado pela falta de acesso aos serviços públicos. "*
- "Os principais problemas são a luta violenta na Colômbia e a falta de ação coletiva".*
- "Cali possui uma grande área de favela com mais de 600.000 habitantes e a maioria vive abaixo da linha de pobreza, sofrendo exclusão, violência, desemprego e segregação étnica com ligações com gangues e o tráfico de drogas."*
- "O Haiti ressurgiu de um contexto de ditadura; extrema pobreza, más condições de trabalho e falta de infraestrutura. Há um histórico de retaliações; ausência de advocacia e incapacidade de se fazer ouvir."*
- "No México, estamos nos deparando com a destruição do capital social, a desintegração familiar, a imigração interna, crianças abandonadas e a vulnerabilidade em relação a atividades de gangues e ao tráfico de drogas."*
- "42% da população de El Salvador não vive em seu país, sendo que 90% dessa parcela moram nos Estados Unidos."*
- "Nosso principal problema é a desigualdade e a falta de acesso a recursos econômicos, com mais de 60% da população vivendo abaixo da linha de pobreza."*
- "Nós sofremos com o flagelo da guerra."*

### 'Guerra, e não pós-guerra'

Apesar do fato de muitos países da região serem vistos como economias emergentes, é visível que as desigualdades estão crescendo e afetando os mais pobres e mais vulneráveis das piores maneiras possíveis. Os profissionais da justiça social e da paz falaram de um terreno complexo dominado pela exclusão e marginalização social, econômica e política de mulheres, crianças e grupos étnicos frequentemente exacerbadas natureza cada vez mais violenta das sociedades na América Latina, fato mencionado por vários entrevistados (em alguns casos, isso incluiu os próprios beneficiários, que mostraram uma tendência crescente de usar a violência ao fazerem suas demandas). "Estamos em estado de guerra e não de pós-guerra", conforme colocação de um



entrevistado da Colômbia; outro entrevistado, dessa vez da Nicarágua, observou a "crescente militarização" dos países da América Central.

Nesse contexto, a maioria dos profissionais que contribuíram para o estudo estava preocupada com um modelo de desenvolvimento 'de cima para baixo' na região e com a falta de infraestrutura para apoiar o trabalho de justiça social e de construção da paz.

### **A retirada da Assistência Oficial para o Desenvolvimento (ODA, do inglês Official Development Assistance)<sup>6</sup> – 'o momento mais difícil dos últimos 15 anos'**

A realidade nua e crua sobre o financiamento de trabalhos para a justiça social e a paz é que o peso relativo das instituições em qualquer lugar, e especialmente na América Latina e no Caribe, é insignificante quando comparado com os problemas que elas ajudam a enfrentar. Mesmo nas melhores condições, os recursos são insuficientes. Não é de estranhar, portanto, que a principal preocupação dos entrevistados foi o agravamento da situação quando a ajuda internacional tornou-se escassa. Os profissionais também chamaram a atenção para a tendência de os doadores internacionais financiarem organizações maiores e mais consolidadas, enquanto pequenas e médias organizações, envolvidas com questões estruturais que desafiam o status quo, como direitos humanos, direitos das mulheres e feminismo, obtêm pouco apoio, apesar de estarem muito necessitadas do mesmo. Como observado por um financiador do Brasil, "aqui existe uma enorme necessidade de ajuda. O que nos fez crescer foi particularmente termos encontrado um determinado lugar no contexto social ainda não atendido; trabalhamos com pequenas e médias organizações e temos facilitado o seu acesso a nós".

A questão da redução da ajuda internacional também surgiu durante as entrevistas. Um entrevistado observou que a Argentina e o Uruguai já não eram mais áreas prioritárias para o financiamento do desenvolvimento no estrangeiro. Isso estava afetando grupos como os de defesa de direitos, que se empenharam para arrecadar fundos no país e dependiam tradicionalmente dessas fontes de financiamento. Um dos efeitos foi que mais grupos, incluindo grupos de grande porte outrora bem apoiados, estavam agora chegando até eles em busca de doações. Um financiador, cuja operação tinha estado estreitamente ligada a fundos estrangeiros de desenvolvimento, disse com franqueza: "Este é o momento mais difícil dos últimos 15 anos, e o futuro mostra-se bastante sombrio, pois, no passado, éramos os maiores recebedores de cooperação internacional (ODA)." Como ilustração da natureza quase sempre marcada por restrições de orçamento na qual os fundos são geridos, outro financiador observou que "recentemente recebi o primeiro pequeno pagamento em 3 anos".

Um profissional ressaltou que o problema da redução da ajuda internacional no Brasil foi acrescido da "percepção generalizada de que o Brasil é um país rico, com poucas necessidades urgentes". Esse quadro foi confirmado e resumido por um dos entrevistados do Brasil: "Há alguns anos os recursos provinham apenas

---

<sup>6</sup>Os recebimentos da ODA incluem desembolsos por parte de doadores bilaterais e de instituições multilaterais.



dos EUA" e, apesar de nos últimos anos seu fundo ter sido capaz de arrecadar localmente, "a sustentabilidade é um problema para nós". Isso evidencia outro problema. A filantropia local existente é frequentemente relutante em assumir questões consideradas contenciosas, aquelas que podem causar uma reação hostil do governo ou da opinião pública.

À medida que o financiamento estrangeiro diminuiu, a filantropia estratégica local tendeu a evitar o envolvimento em questões de justiça social, e muitos entrevistados reconheceram nisso a maior lacuna para a promoção de uma pauta de mudança social progressista na América Latina e no Caribe. Uma fundação sediada e operando no Haiti expressou frustração em relação à "falta de investimento em instituições locais". Outra fundação falou sobre as dificuldades em relação a atingir um equilíbrio entre "a conformidade com o doador e o respeito à essência da organização como um movimento".

Para muitos, não era uma simples questão de não ter o dinheiro para distribuir entre os beneficiários, sua própria sobrevivência e desenvolvimento estavam frequentemente sob risco: "É muito difícil obter apoio institucional e garantir os salários da equipe (de quatro pessoas)." E isso, a despeito de os custos operacionais serem modestos. Esse entrevistado apelou por mais flexibilidade no financiamento.

Outro concordou: "O mais difícil para nós é arrecadar fundos para a instituição. ... temos grandes doadores que apoiam nossos programas, porém é mais difícil obter apoio institucional."

## A posição do governo

O governo pode ajudar ou prejudicar o desenvolvimento da filantropia, mas na maioria dos países da região ele é visto como um obstáculo. A alta tributação no Brasil foi apontada como uma barreira para as doações locais, ao mesmo tempo que alguns participantes reunidos expressaram frustração em relação à ausência de um movimento nacional em favor de um arcabouço legal para criar um ambiente viabilizador para a sociedade civil na Argentina. As leis antiterrorismo que restringiram a entrada de fundos estrangeiros, aliadas a uma tendência ao controle da sociedade civil pelo governo, foram reconhecidas como obstáculos para o trabalho de justiça social no país. Um quadro semelhante surgiu na América Central, onde houve uma tendência do governo de restringir o trabalho de ONGs, principalmente as mais 'progressistas' (ou seja, aquelas que buscavam implícita ou explicitamente alguma forma de mudança social). No Brasil, entretanto, os financiadores relataram algum progresso na mobilização da sociedade civil em relação à capacidade de advogar por uma mudança no arcabouço legal, apesar de eles lamentarem que o movimento não tenha avançado muito.

Em países como a Argentina e o Paraguai, as fundações enfrentam procedimentos legais complexos e demorados e regulamentos bancários que atrasam ainda mais o recebimento de fundos internacionais. Um entrevistado citou os regulamentos financeiros da Argentina como um grande desafio — eles impedem doações para outros países, de modo que o fundo não pode fazer doações a grupos no Paraguai ou no Uruguai.

 *Conforme observamos, os fundos geralmente não possuem os recursos de que precisam e, mesmo quando esses recursos estão disponíveis, nem sempre é possível aceitá-los, pois comprometeriam os valores da organização beneficiária.*



Na maioria dos países, a posição do governo em relação a ONGs interessadas em mudança social era, na melhor das hipóteses, cautelosa, e sempre havia obstáculos fiscais e legais para o desenvolvimento da filantropia em geral. Ao mesmo tempo, um entrevistado observou que o governo não deve considerar a filantropia como um canal para transferir suas próprias responsabilidades com o bem-estar social: "O governo é que deve ser responsável por financiar políticas públicas. Ele não deve transferir a responsabilidade para fontes privadas". A função adequada das fundações, acrescentou o entrevistado, é apoiar o governo com conhecimento, orientação e sua experiência com a realidade das comunidades.

Conforme observamos, os fundos geralmente não possuem os recursos de que precisam e, mesmo quando esses recursos estão disponíveis, nem sempre é possível aceitá-los, pois comprometeriam os valores da organização beneficiária. Uma fundação que trabalha no Brasil enfatizou que o financiamento governamental para as organizações de direitos humanos era problemático por colocar em risco a independência destas.

Um entrevistado chamou a atenção para outro aspecto relacionado à função do governo. A aceitação pelo governo de suas iniciativas bem-sucedidas era crucial, se fosse para serem difundidas ao ponto de poderem produzir mudanças estruturais, mas era difícil trabalhar com o governo: seu caráter temporário, a corrupção e o abuso de influência, todos foram fatores que impediram o avanço das mudanças.

### **A questão do fundo patrimonial — "importante e utópico"**

Embora a maioria estivesse interessada no estabelecimento de um fundo patrimonial, poucos entrevistados estavam em posição de fazer algo em relação a isso. Um entrevistado brasileiro disse que a única forma de estabelecer um fundo patrimonial seria por meio da generosidade de um benfeitor externo — em outras palavras, um doador internacional rico que fornecesse uma grande quantia inicial de uma única vez. Outro fundo, que obteve um fundo patrimonial proveniente de uma doação de um importante financiador, disse que queria arrecadar fundos para aumentar seu tamanho, "mas isso é um desafio ainda maior porque a arrecadação de fundos para o orçamento anual já é um desafio".

Um financiador entrevistado resumiu o posicionamento geral — fundos patrimoniais são "importantes e utópicos".

### **Criação de uma cultura diferente de doação**

A natureza geral da filantropia na América Latina tende a ter uma feição caracterizada pela caridade, e muitas vezes é realizada por meio da Igreja e dedicada ao bem-estar básico. Um entrevistado do Brasil observou que o financiamento para as questões de justiça social, que implicavam em transformação ao invés do tratamento paliativo de problemas existentes, era limitado, mas crescente: "Somos sete ou oito fundos que formam uma rede para mudar a cultura de doação para uma que tenha foco na justiça social."



Um dos aspectos mais interessantes dessa observação é mostrar o caráter multifacetado dos financiadores de iniciativas para a justiça social no Brasil. Eles não apenas estão apoiando organizações que promovem a mudança social, mas estão também conscientemente envolvidos na tentativa de modificar a cultura de doação. Isso foi declarado explicitamente por outro entrevistado também do Brasil. Além do seu objetivo de apoiar organizações de base muitas vezes fora do alcance de outras formas de financiamento, ele desejava também "estabelecer a base para um modelo diferente de filantropia em nosso país" de forma a apoiar um desenvolvimento de baixo para cima baseado na comunidade. Isso é uma tarefa difícil por várias razões. Apesar de nossos entrevistados reconhecerem com frequência a existência de uma cultura filantrópica local na América Latina, eles também observaram que a maior parte dessa cultura caminhou na direção de iniciativas "welfaristas". Um entrevistado falou sobre a "ausência de uma cultura de justiça social que dificulta o desenvolvimento de uma base de doadores individuais". Da mesma forma, uma fundação do Haiti apontou uma "cultura filantrópica de curto prazo, ao invés de uma abordagem de investimento de longo prazo". Um financiador brasileiro ressaltou: "Queremos desenvolver um modelo de filantropia ou contribuir para um modelo de filantropia que possa servir como exemplo para as organizações que tradicionalmente têm provido fundos para organizações no Brasil, de modo que elas possam entender o quão importante é investir em organizações de base de direitos humanos." Da mesma forma, parte da estratégia de um financiador de grupos de mulheres foi "conscientizar os doadores sobre a importância de apoiar os grupos de mulheres, a fim de fortalecê-los, e não apenas financiar um projeto específico".

Um entrevistado mexicano tocou em outro aspecto do problema, mencionando "a falta de um espírito filantrópico entre a comunidade em geral. É difícil fazer com que as pessoas doem para o terceiro setor, e há um baixo nível de confiança ao fazê-lo".

Um fundo entrevistado usava a tática de convidar para reuniões pessoas influentes ou potenciais doadores locais interessados na pauta política dos seus beneficiários, com o objetivo de obter o seu apoio material ou imaterial. Outro fundo envolveu doadores no planejamento da sua estratégia.

### *Fundações*

A reticência dos doadores individuais muitas vezes correspondia à das fundações da região. Um financiador colombiano com o qual falamos tentava compensar o desaparecimento dos financiamentos estrangeiros com a busca de recursos institucionais locais, porém, apesar de existirem várias fundações na Colômbia, a maioria delas está ligada a empresas e sua filantropia limita-se a causas tradicionais: "eles não falam de transformação".

Outro entrevistado endossou isso: "Nenhuma das fundações da América Central pensa sobre transformação estrutural além de um ponto de vista<sup>7</sup> 'assistencialista'", disse ele. "O desafio é fazer com que eles pensem fora da caixa."

---

<sup>7</sup> O termo *assistencialismo* é especificamente latino-americano. Ele refere-se ao fornecimento de bens e serviços básicos em situações onde o beneficiário é simplesmente um receptor passivo, um paciente e não um agente.



E, embora as doações corporativas talvez tenham se difundido na América Latina ao longo da última década, pelo menos para um entrevistado as empresas no Brasil "ainda não entendem o verdadeiro conceito de filantropia". É basicamente uma área de foco secundário para as empresas, que elas com frequência deixam de levar a sério, chegando ao ponto de colocá-la sob a responsabilidade de pessoal de nível júnior.

A ausência de uma cultura filantrópica local na região, principalmente entre os indivíduos, foi também atribuída à desconfiança da sociedade e à falta de credibilidade do setor não lucrativo em geral na região.

## Medição do sucesso

Avaliar quão bem-sucedido tem sido o trabalho é quase sempre difícil com organizações que promovem a mudança social. Um entrevistado falou da percepção, em vez da medição, de mudanças de atitude nos grupos com os quais trabalha: "Nós sentimos isso principalmente por meio do contato que estabelecemos com os grupos. Prestamos atenção em como eles mudam suas atitudes e em como crescem."

A mesma fundação, entretanto, havia seguido uma nova maneira de tentar medir a mudança e o desenvolvimento nos grupos por meio da concessão de verba para a documentação da história da organização. O financiador contratou alguém para "sistematizar o que eles fazem" e também "forneceu orientação sobre como avaliar seus 10 anos de trabalho". Esse processo permitiu que os beneficiários vissem o quanto tinham aprendido.

Ainda era difícil perceber mudanças maiores. Ao falar sobre mudanças em atitudes sociais, um entrevistado destacou que meios para a avaliação das mesmas eram "extremamente importantes e que careciam muito deles". E, obviamente, que uma mudança mais ampla não se devia apenas a seus esforços. Um entrevistado falou da necessidade de "humildade", dizendo: "Reconhecemos que fazemos parte de um processo que não começa nem termina com a nossa intervenção".

Para alguns, a incapacidade de medir de forma satisfatória está relacionada à questão de recursos — eles não possuem pessoal capaz de fazê-lo, nem verba para recrutar alguém com esse perfil. Outro entrevistado falou sobre o problema colocado pela disparidade entre o que os fornecedores de recursos para os fundos de mudança social veem como métricas válidas e o que de fato tem importância para as organizações envolvidas. "Os indicadores que nos mostram se um projeto está funcionando ou não são diferentes daqueles que [nossos] financiadores demandam."

Para um deles, a questão simplesmente não era problema: "Não utilizamos medições de sucesso verificáveis de forma objetiva. Estamos fazendo um trabalho muito complexo que não pode ser medido por esse tipo de indicador." Em geral, a avaliação é feita da mesma forma que as análises de situações e as avaliações de necessidades — pelo diálogo e o trabalho com seus eleitorados:



*"Reconhecemos que fazemos parte de um processo que não começa nem termina com a nossa intervenção."*



"Antes de iniciarmos um projeto", disse um financiador, "provavelmente já nos encontramos no cenário da comunidade por um período de 6 a 9 meses. Nós entendemos como funcionam, os observamos quando saímos em campo com eles e compartilhamos nossas avaliações, e além disso nós fazemos com que sejam parte da nossa equipe de avaliação".

## Comunicação

O problema da comunicação foi também levantado como um desafio importante enfrentado pela filantropia para a justiça social na região. As fundações chamaram atenção para as dificuldades na comunicação da relevância do trabalho para a justiça social e a paz, necessária para que este ganhe visibilidade, para a obtenção de apoio local a iniciativas que operam no campo e para a elaboração de uma política pública de justiça social e paz na região. A mídia considerada a serviço de interesses específicos foi um fator que restringiu o espaço para advogar em favor da justiça social. Os financiadores, portanto, reforçaram que o desafio para a filantropia é criar espaços para uma comunicação mais democrática em seus países. Um dos entrevistados assinalou a importância de se criar uma compreensão do movimento em prol dos direitos humanos, "porque as pessoas possuem uma concepção histórica errada de direitos humanos, limitada a uma perspectiva de aprisionamento".

Vários financiadores entre os entrevistados referiram-se a isso como uma área também de fragilidade, não apenas por suas sociedades não estarem abertas à sua mensagem, mas porque eles próprios lutavam para articular seu trabalho. "Na maior parte do tempo, estamos avaliando o que fazemos, mas não necessariamente estamos comunicando isso ou criando narrativas que divulguem o que fazemos", disse um entrevistado.

Isso ocorreu algumas vezes por falta de especialização, mas muitas vezes foi devido à questão de recursos. Não havia recursos na equipe para assumir essa tarefa, nem verba para contratar um especialista. Vale a pena lembrar que muitos desses fundos estão tentando fazer muito com muito pouco.

## Sustentabilidade: material e moral

A sustentabilidade é o ponto para o qual convergem muitos dos desafios e atividades dos fundos. Trata-se de uma questão ampla e vital. Vimos que muitos deles aceitam que a mudança vai ocorrer lentamente e que, por isso, eles e as organizações parceiras terão que estar por perto durante muito tempo. Não apenas sua sustentabilidade material, mas também sua sustentabilidade moral, estão em jogo. Do ponto de vista material, eles terão que ser capazes de continuar a fornecer fundos para seus parceiros e garantir que eles próprios estejam financiados de forma adequada. Eles terão que garantir também (e é aqui que entra seu trabalho de desenvolvimento de capacidades e alianças) que seus parceiros possuam os tipos de apoio de que necessitam para sobreviver e prosperar como organizações. Do ponto de vista moral, eles terão que garantir que seu próprio conhecimento e experiência permaneçam relevantes para as organizações que atendem e que eles estejam próximos do cerne dos problemas



de seus integrantes. Eles, bem como seus parceiros, precisarão de resiliência para suportar uma longa luta e para serem capazes de lidar com as decepções e reveses que com certeza surgirão durante o percurso. Para isso, eles precisarão não apenas ter paciência, como também do apoio de seus pares — infraestrutura será outra peça necessária para sua sustentabilidade.



## UMA TENTATIVA DE RETRATO

Quais são as características de um fundo para a justiça social na América Latina e no Caribe? Seria precipitado generalizar muito livremente. Mesmo dentro do domínio estreito de nossa pesquisa, há exceções. Isso posto, o que vem a seguir é um esboço do que muitos financiadores na região provavelmente apresentam de semelhante.

Eles são pequenos, com recursos de pessoal e financeiros limitados. São dependentes de um ou dois doadores maiores, muitos sendo de fora da região, o que é uma preocupação adicional já que os fundos externos vêm se extinguindo gradualmente.

Embora os recursos dos fundos sejam limitados, eles os empregam em muitas direções diferentes — o patrocinador financeiro de suas organizações beneficiárias, bem como seu conselheiro, mentor, treinador e defensor, e um militante para uma mudança substancial na cultura da filantropia de seus países em favor de questões de mudança social.

Eles trabalham muitas vezes sem o conhecimento, a compreensão ou a simpatia dos seus governos ou de seus concidadãos, e isolados de seus pares<sup>8</sup> na maioria dos casos. Essa última condição muitas vezes é especialmente desgastante. Significa que eles são privados da experiência e da orientação daqueles que se encontram em situação semelhante e desprovidos de um sentimento de solidariedade que não pode ser negligenciado em um provável cenário de longa luta até que qualquer sinal das mudanças pelas quais estão trabalhando comece a aparecer.

Seus relacionamentos mais estreitos são com as organizações que eles apoiam. As organizações muitas vezes apenas se qualificam para ter o nome, possuindo pouca ou nenhuma estrutura formal, ou experiência de execução de uma iniciativa. São geralmente grupos desagregados de pessoas que compartilham uma convicção da necessidade de mudar suas condições. Eles precisam de muito apoio e orientação, e o financiador é muitas vezes a única fonte. Por sua vez, o financiador depende dessas organizações para obter conhecimento sobre as condições reais que elas tentam enfrentar. Como resultado, uma forte relação entre os dois é muitas vezes forjada. Grande parte de sua força vem do fato de os financiadores de iniciativas para a mudança social possuírem um relacionamento mais fraterno com seus beneficiários do que a maioria dos financiadores. Por trás da assistência a uma ou outra iniciativa específica, encontra-se o princípio orientador de ajudar os beneficiários e suas comunidades a se tornarem grupos de cidadãos articulados, capazes de exigir e garantir seus direitos e ambições e de atuar com plenitude e equidade em suas sociedades.

Com base nesse esboço resumido, a próxima seção examina o que os financiadores de iniciativas para a mudança social querem e precisam, e como os demais, tanto na região como internacionalmente, podem apoiá-los.

---

<sup>8</sup>As exceções são a Rede de Fundos Independentes para a Justiça Social do Brasil e o CONMUJERES.



## PROMOÇÃO DA FILANTROPIA PARA A JUSTIÇA SOCIAL E A PAZ NA REGIÃO

Em vista das questões contextuais, significativas e estratégicas que afetam a promoção da filantropia para a justiça social e a paz na região, os financiadores manifestaram interesse em explorar as estratégias e espaços a seguir para aumentar sua escala e seu impacto na região.

*Compreensão contextual da filantropia para a justiça social:* Embora tenha havido um consenso geral de que foi útil a compreensão da filantropia para a justiça social como uma família de tradições<sup>9</sup> em oposição a uma definição rígida, os financiadores identificaram limitações no arcabouço atual das nove tradições. Os financiadores quiseram revê-las para torná-las mais relevantes para a América Latina e o Caribe.

*Uma cultura filantrópica local:* Como descrito acima, um dos principais desafios para o desenvolvimento da filantropia para a justiça social e a paz na região foi a falta de recursos. A fim de resolver esse problema, houve reivindicações de maior publicidade para a filantropia de modo a desenvolver uma cultura filantrópica na região. "Precisamos debater publicamente a filantropia e desenvolver uma pauta em torno de como torná-la favorável a nossas causas nos níveis regional, nacional e internacional." Não foi surpresa essa preocupação ter surgido nas entrevistas também. Os financiadores com os quais falamos gostariam de saber de seus pares em outras partes do mundo "especialmente de financiadores individuais, e não tanto de empresas e do governo", eles acrescentaram, "se eles arrecadam fundos dentro de seu próprio país e como fazem isso". Eles então enfatizaram a função da filantropia nesse grupo como uma forma de "ativismo e participação social". Um entrevistado, com boa experiência em arrecadação de fundos, quis, no entanto, saber mais sobre "as melhores práticas e a arrecadação de fundos em ambientes de pequenas ilhas", onde a doação para fundações era muitas vezes um conceito incomum.

*Melhor comunicação:* Em relação a isso, os participantes insistiram na importância da comunicação como uma ferramenta poderosa para a mudança de atitudes e o levantamento de questões de justiça social. Estratégias de comunicação melhores e mais eficazes foram consideradas vitais para a mobilização de recursos e para o desenvolvimento e a divulgação de uma base de evidências do trabalho de justiça social por meio da documentação e da celebração até mesmo de pequenas realizações. Prover visibilidade ao trabalho e às pautas de seus integrantes foi reconhecido como uma função crucial da filantropia para a justiça social e a paz na região. Um dos entrevistados observou também que: "Somos muito fracos na área de comunicação e não temos o conhecimento necessário para fazer algo a esse respeito". Eles acrescentaram que tinham "mais a aprender do que a ensinar".

---

<sup>9</sup> Consulte Ruesga e Puntenney, op. cit.



*Um ambiente favorável à filantropia e à sociedade civil:* À luz dos desafios relacionados a um ambiente legal e tributário favorável, os participantes do encontro expressaram a necessidade de as organizações de filantropia unirem forças. Trabalhando juntos por meio de uma entidade regional eles poderiam se envolver de forma coletiva para pressionar por arcabouços legais que favoreçam a mobilização de recursos para o trabalho de justiça social na área envolvida, a redução da violência e a proteção de grupos vulneráveis, bem como a advocacia da mudança de políticas para a promoção de uma sociedade civil autônoma. Isso também foi levantado nas entrevistas, embora com menos ênfase. Um entrevistado mencionou o intercâmbio de informações sobre incentivos fiscais – como eles funcionam em outros países? Como as organizações que realizam campanhas trataram do lobby para essas mudanças?

*Relacionamento com o setor corporativo:* O envolvimento com o setor de filantropia corporativa foi considerado uma estratégia importante para ampliar o debate e a percepção em relação à filantropia para a justiça social e a paz. Os participantes do encontro exploraram de forma específica o conceito de "cadeia social de valor", desenvolvido por uma fundação no Brasil, como um meio de se envolverem em parcerias com empresas interessadas em promover a igualdade social. A necessidade de iniciar um diálogo com o setor corporativo teve prioridade sobre a obtenção de verbas de empresas. Embora tenha sido reconhecido que o envolvimento com o setor corporativo pode por vezes conflitar com a pauta de justiça social, os participantes insistiram na importância de identificar e se envolver com empresas com as quais compartilhem uma base de valores. Os financiadores alertaram para o fato de que, ao evitar o envolvimento com o setor corporativo, eles arriscavam perder a oportunidade de alcançar um grupo representativo da sociedade, incluindo o próprio setor corporativo, seus funcionários, seus consumidores e a imprensa. Alguns entrevistados também desejavam ligações mais estreitas com fundações corporativas ou, de qualquer modo, mais informações à respeito delas. Um deles ficou particularmente interessado naquelas ligadas a empresas do setor extrativista, com o objetivo de descobrir como abordar essas empresas para convencê-las a investir nas comunidades onde eles estavam trabalhando. Outro entrevistado falou sobre o exemplo da rede Comunalia no México, onde as fundações comunitárias envolvidas haviam conseguido envolver empresas locais no desenvolvimento comunitário, não apenas na concessão de verbas, mas na discussão de estratégias potenciais para o desenvolvimento futuro.

*Intercâmbios com outros financiadores:* Isso foi uma preocupação manifestada por muitos dos entrevistados. Muitos desejavam associar-se a fundações internacionais ou regionais para poder diversificar sua base de doadores ou para aprender com sua experiência. Para alguns, o que estava acontecendo localmente (ou seja, dentro da América Latina) era de maior interesse, provavelmente por estar mais próximo de sua própria experiência: "Eu particularmente gostaria de saber o que está acontecendo na região, pois certamente seria inspirador pensar em como incorporar suas práticas ao nosso trabalho." Isso foi especialmente verdadeiro no caso de fundos que operavam em pequenos estados. Surpreendentemente, talvez, um entrevistado disse especificamente que gostaria de entrar em contato com fundações que estejam tratando casos diferentes dos dele, e não com aquelas envolvidas no mesmo trabalho, de modo a definir "princípios gerais". "Esse é um ponto fraco,



identificar organizações na América do Sul para aprender como elas trabalham; em lugares maiores, como o México, elas trabalham em um ambiente muito diferente do nosso."

*Monitoramento e avaliação:* Vários entrevistados mencionaram a avaliação, o monitoramento e, em especial, o desenvolvimento de indicadores para medir a complexidade do seu trabalho. "Técnicas de avaliação, talvez. Nossa avaliação e a nossa forma de trabalhar são mais qualitativas do que quantitativas. Seria interessante se alguém tivesse uma maneira de avaliar isso com foco. Certamente, questões de sustentabilidade; como buscar a sustentabilidade." Pelo menos um deles acredita que existem habilidades transferíveis nessa área, de modo que alguns financiadores podem tirar proveito da experiência de outros.

Duas preocupações adicionais dignas de menção à luz das condições da região — embora não sejam gerais — surgiram das entrevistas.

*Apoio a organizações que trabalham em zonas de conflito:* Isso foi levantado por um financiador da América Central. Eles citaram particularmente a experiência colombiana e observaram que a América Central estava se tornando cada vez mais militarizada. A questão de como os financiadores podem aprender a trabalhar em zonas de conflito é uma das que exige maior atenção. É necessário mais trabalho para elucidá-la.

*Trabalho com um governo 'de direita':* Um dos entrevistados quis saber como fazê-lo e se era possível promover uma pauta de mudança com tal governo no poder.

## Próximas etapas

À luz das deliberações do encontro e dos resultados das entrevistas que lhes serviram de insumo, os financiadores identificaram cinco áreas-chave para uma ação específica visando promover a prática da filantropia para a justiça social e a paz na região:

 *Uma rede regional:* Uma rede regional deve ser criada para desenvolver o trabalho na região. Identificou-se a necessidade de definir a estrutura dessa rede, incluindo os procedimentos e as políticas de tomada de decisão. Os participantes recomendaram a realização de um mapeamento das fundações, empresas, consultores e outros com interesse comum na área, que poderão aderir à rede e/ou colaborar com ela.

 *Arcabouço conceitual:* As diferentes formas de compreensão da filantropia para a justiça social devem ser exploradas para a determinação de um conjunto comum de padrões que seja, no entanto, adequado às realidades do contexto da América latina e do Caribe.

 *Uma plataforma de comunicação:* Os entrevistados manifestaram interesse em desenvolver uma plataforma de comunicação para o compartilhamento



de informações e ferramentas. A utilização de mídia social, blogs, seminários na web e boletins eletrônicos foi destacada como um meio de se permanecer conectado e de facilitar os fluxos de informação.



*Pesquisa de arcabouços legais:* Os participantes recomendaram a ideia de um estudo comparativo dos arcabouços existentes em diferentes países. Eles reconheceram que o compartilhamento de estratégias bem-sucedidas em diversos países e parcerias com uma ampla gama de fundações (não apenas aquelas que operam dentro de uma estrutura de justiça social) ajudariam a aumentar os esforços para advogar a criação de um ambiente legal e tributário favorável para a sociedade civil da região. Isso, por sua vez, foi uma parte importante da mobilização de mais recursos para aprimorar o trabalho de justiça social na região.



*Conferência no Brasil:* Os participantes propuseram a ideia de uma conferência no Brasil para promover a filantropia para a justiça social e a paz, por meio do estabelecimento do diálogo com o setor corporativo e com as principais fundações da região.



## LISTA DE PARTICIPANTES

### Lista de fundações entrevistadas

1. Anguilla Community Foundation
2. Asociación de Fondos Empresariales (AFE)
3. AVINA
4. Fundação comunitária ESPWA Haiti
5. Fundação Brasil
6. Fondo Centroamericano de Mujeres FCAM
7. Fondo de Mujeres Indígenas do FIMI
8. FondoAlquimia
9. Fondo de Acción Urgente
10. Fondo de Mujeres del Sur
11. Fundo Lunaria Mujer
12. Fundação Alvaralice
13. Fundación Comunitaria de la Frontera Norte
14. Fundo Brasil de Direitos Humanos
15. Fundo Elas
16. Instituto Rio
17. Lambi Fund
18. Semillas
19. Share - El Salvador
20. I-COMM

### Lista de participantes do encontro

1. **Ana Criquillion**, consultora independente
2. **Ana Valéria Araújo**, Fundo Brasil de Direitos Humanos
3. **Carla López**, Fondo Centro Americano de Mujeres (FCAM)
4. **Chandrika Sahai**, Working Group on Philanthropy for Social Justice and Peace
5. **Cindy Lessa**, Rede de Fundos Independentes para a Justiça Social
6. **Daniela Konietko**, Fundação Alvaralice
7. **Diana Elisa Chávarri Cazaurang**, Fundación Comunitaria de la Frontera Norte
8. **Eleanor Douglas**, Fondo de Acción Urgente da América Latina
9. **Elena Rey**, Fundo Lunaria Mujer
10. **Emilienne de León**, International Network of Women's Funds
11. **Graciela Hopstein**, Instituto Rio (fundação comunitária do Rio de Janeiro)
12. **Naceres Jose Artiga Escobar**, Fundação Share
13. **Laura García**, Semillas, Sociedad Mexicana Pro Derechos de la Mujer
14. **Lucía Carrasco Scherer**, International Network of Women's Funds
15. **María Paz Becerra Espina**, Fundo Alquimia
16. **Marie Marthe Saint Cyr**, Lambi Fund
17. **Mariela Gladys Puga**, Fondo de Mujeres del Sur
18. **Mario Gómez**, Fundação Antonio Restrepo Barco
19. **Sara Delina**, Mandujano Méndez, Fundo Alquimia
20. **Veronica Marques**, Rede de Fundos Independentes para a Justiça Social
21. **Yolanda Talavera**, consultora independente

O relatório está amplamente baseado em pesquisa analisada por **Barry Knight** (CENTRIS e Working Group on Philanthropy for Social Justice and Peace) e em dados coletados por **Yolanda Talavera** em entrevistas e no encontro de Bogotá. A liderança de **Ana Criquillion** foi fundamental para orientar a pesquisa e facilitar o encontro em Bogotá. **Andrew Milner** (consultor independente) ofereceu contribuição valiosa para a interpretação dos resultados e para ajudar a redigir o relatório.

O relatório foi traduzido para o português por Punto y Coma Traduções. O financiamento da tradução deste relatório para o português foi viabilizado pela Rede de Fundos Independentes para a Justiça Social do Brasil.

## Para obter mais informações:

**Ana Valéria Araújo**, *Fundo Brasil de Direitos Humanos e Working Group on Philanthropy for Social Justice and Peace*

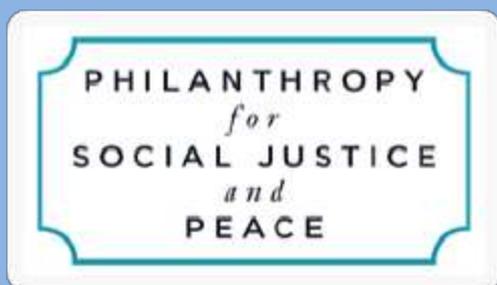
[avaraujo@fundodireitoshumanos.org.br](mailto:avaraujo@fundodireitoshumanos.org.br)

**Chandrika Sahai**, *coordenador de redes, Working Group on Philanthropy for Social Justice and Peace*

[chandrikasahai@gmail.com](mailto:chandrikasahai@gmail.com)



<http://www.rededefundos.org.br/>



<http://p-sj.org>



[creativecommons.com](http://creativecommons.com)